

A NEGAÇÃO HISTÓRICA DOS DIREITOS HUMANOS ÀS POPULAÇÕES NEGRAS RURAIS NO LIVRO TORTO ARADO¹

Diego Lino Silva²

RESUMO

As construções históricas e literárias sobre as comunidades negras rurais do Brasil compõem o pano de fundo temático desse trabalho. Me volto para a negação dos direitos humanos na experiência negra rural ao longo da sua história e pergunto pelos possíveis efeitos da circulação das imagens ofertadas pela narrativa literária analisada. Aqui, interessa discutir os efeitos sociais e de memória das novas imagens produzidas sobre os sujeitos pretos da roça, a partir do romance Torto Arado. Para tanto, alguns trechos do romance são interpretados a luz de referências teórico-metodológicas como Walter Benjamin, Homi Bhabha e bell Hooks. As discussões desenvolvidas procuram colaborar com a observação de possíveis transformações e transições no cenário racial brasileiro, resultado das disputas históricas construídas nos últimos anos. Foi possível considerar uma alteração/disputa nas representações históricas praticadas até então sobre as comunidades negras rurais. Transformação associada ao universo de modificações sociais provocadas por políticas afirmativas. Concluindo com a identificação de um movimento de questionamento e ressignificação das percepções sociais sobre as pessoas negras da roça.

Palavras-chave: Negros - Direitos fundamentais - Brasil. Negros na literatura. População rural - Brasil - História. Torto arado - Crítica e interpretação.

ABSTRACT

Historical and literary constructions on rural black communities in Brazil form the thematic background of this work. Here, it is interesting to discuss the social and memory effects of the new images produced about black subjects in the countryside, based on the novel Torto Arado. From this, some excerpts of the novel are interpreted in the light of theoretical-methodological references such as Walter Benjamin, Homi Bhabha and bell Hooks. It was possible to consider an alteration/dispute in the historical representations practiced so far about rural black communities. Transformation associated with the universe of social changes brought about by affirmative policies.

Keywords: Black people in Literature. Black people - Fundamental rights - Brazil. Rural population - Brazil - History. Torto arado (book) - Criticism and interpretation.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof. Dr. Antônio Roberto Xavier.

² Mestrado e Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS e pós-graduando na Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

No livro *O terreiro e a cidade*, Muniz Sodré³, discute como a construção ocidental sobre a noção de humanidade, instituída no Renascimento, impôs critérios de definição de quem poderia ser considerado humano. Essas definições europeias sobre o humano estabeleciam hierarquias e obstáculos a experimentação da humanidade entre aqueles que dissonavam das caracterizações e atribuições culturais que poderiam ser enquadradas como humanas. O entendimento que essa construção ocidental sobre a humanidade guarda determinado teor racial foi explorado também por Sueli Carneiro⁴. A autora discute como essa divisão racializada da humanidade estabelece paradigmas de experimentação da existência que, costuma ser negada a pessoas negras.

A partir do entendimento dessa bibliografia, parto do pressuposto de que a noção de Direitos Humanos praticada, mesmo mais recentemente, ainda guarda referências do princípio humanista europeu, e me volto a ela a partir do livro *Torto Arado*⁵. O livro conta da trajetória de duas mulheres negras no cenário rural do interior do Brasil. Essas mulheres, ao longo da sua vida, tiveram vários relatos de faltas de condições materiais de manter a existência, além de violências físicas e simbólicas mobilizadas por uma série de hierarquias sociais.

A ideia é debater como as características espaciais(rurais), raciais e de gênero implica na negação de uma série de elementos da existência humana digna, supostamente garantida pelos direitos humanos, a essas mulheres negras. A partir disso, o trabalho objetiva inventariar as representações sobre os grupos negros rurais presentes no romance e seus embasamentos sociais e, a partir disso, problematizar como a experiência negra rural está marcada pela negação dos direitos humanos ao longo da sua história e quais os efeitos possíveis da circulação das imagens ofertadas pela narrativa literária.

A partir disso, a pesquisa pretende colaborar nos debates sobre a construção da identidade negra rural e as implicações sociais de viver essa condição identitária,

³ SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

⁴ CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2005.

⁵ VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

refletindo sobre a negação de direitos humanos, preconceito/discriminação, estereótipo e subjetividade. Para iniciar o debate, comecemos conhecendo o livro.

2 O ROMANCE

As construções em torno da história da população negra estão constantemente em disputa. O livro *Torto Arado* foi publicado em um contexto de expansão das discussões sobre a racialização da sociedade brasileira e foi muito premiado por sua narrativa. A partir disso, a intensa circulação do livro e sua boa recepção por parte dos críticos, faz com que as ideias expressadas pelo romance tenham um poder de divulgação de determinadas concepções sobre raça no Brasil e, principalmente, sobre a história da população negra no Brasil.

O livro traça a trajetória das irmãs Bibiana e Belonísia e sua família. O cenário da obra é uma comunidade fictícia chamada Fazenda Água Negra, mas que retoma, sem dificuldades, quaisquer comunidades negras rurais do sertão baiano. Especialmente nas relações sociais que ali se estabelecem, ou seja, o trabalho de arrendamento, as dificuldades materiais, o latifúndio, a violência, mas também a religiosidade, as crenças e a ancestralidade.

Bibiana e Belonísia cresceram na comunidade da Fazenda Água Negra sujeitas às adversidades que essa vida pode apresentar. Casamentos não tão felizes, coerção por parte de grandes fazendeiros, carência material/alimentar, supressão da memória e da cultura. Mas também há as felicidades da ancestralidade, dos momentos de lazer, do viver em comunidade/cooperação. As histórias de amor, luta e sobrevivência das duas irmãs e dos companheiros que compartilham esse trajeto com ela, nas suas complexidades e especificidades é o que o romance oferta.

O cenário que o romance aborda oportuniza que, a partir de narrativas femininas, possamos visualizar as desigualdades sociais, raciais e de gênero. Além disso, permite também refletir sobre a importância da memória coletiva, das resistências e a relação particular com a terra que comunidades negras rurais guardam.

Apesar de fictício, o romance compartilha uma série de associações históricas que podem ser relacionadas com a realidade das comunidades negras rurais. Mais que isso, o livro oportuniza que algumas imagens e narrativas históricas possam ser

associadas com as hierarquias sociais e raciais contemporâneas. Por isso, o presente trabalho procura evidenciar a concepção histórica que o livro oferta sobre a trajetória das populações negras rurais, construindo uma reflexão sobre a negação histórica dos direitos humanos a esses sujeitos, portanto, a negação de humanidade – nos termos humanistas europeus – a homens e mulheres negros e da roça.

Referencial teórico-metodológico

A primeira referência teórica é Neuza Gusmão⁶. Ela oferece uma definição preciosa do que são as organizações comunitárias negras rurais. Para a autora, a comunidade negra rural corresponde a agrupamentos que se materializaram em pequenos grupos dispersos sobre espaço, geralmente com ligações familiares. Orientam-se numa realidade social roceira, demarcada por caracteres relacionados ao parentesco, à produção agrícola e à pequena propriedade. Grupos que carregam uma herança cultural forjada historicamente por meio de gerações com uma memória ligada à escravidão, e que resistem, pois tem modos de fazer dissonantes aos efeitos desagregadores da sociedade capitalista. A definição de comunidade negra rural ofertada pela autora encontra reflexo na narrativa do livro de Itamar Vieira Júnior, o que permite um embasamento social/real da narrativa ficcional analisada.

Uma segunda referência importante para a discussão que o trabalho encaminha é Sueli Carneiro⁷. Isso porque os debates sobre direitos humanos – ou a negação deles – estão diretamente ligados ao conceito de humanidade negada à população negra que a autora aborda. Carneiro, discutindo as ideias foucaultianas de investimentos sobre o corpo, fala sobre procedimentos de significação que promoveram o corpo burguês (portanto branco, urbano, cristão...) enquanto “paradigma de humanidade e ideal de Ser para as demais classes.”⁸. O paradigma de humanidade, ainda que guarde algumas poucas variações, implicara na negação da condição humana a outros sujeitos.

A perspectiva de negação de humanidade encontra eco em outros espaços além de Carneiro. A noção de desumanidade parte das colaborações de Muniz Sodré⁹ para a compreensão do humanismo europeu enquanto elemento chave para a determinação das dinâmicas culturais autorizadas e legitimadoras dos procedimentos

⁶ GUSMÃO, Neusa M. M. de. **Terra de pretos, terra de mulheres: terra, mulher e raça num bairro rural negro**. Brasília: Ministério da Cultura, Fundação Cultural Palmares, 1996.

⁷ CARNEIRO, **Op. Cit.**

⁸ **Ibidem**, p. 52.

⁹ SODRÉ, **Op. Cit.**

de exclusão das populações negras na sociedade ocidental. A partir disso, emerge um caminho explicativo da naturalização das inferiorizações das dinâmicas culturais negro-brasileiras, a partir da desumanização. A negação da humanidade para as populações negras foi uma premissa defendida também nas interpretações de Abdias Nascimento e Florestan Fernandes, entendendo que negros eram lidos como “[...] indivíduos afetados [que] não estão incluídos como grupo racial na ordem social existente como se não fossem seres humanos nem cidadãos normais.”¹⁰

O conceito de humanidade, enquanto atributo próprio de brancos ocidentais, é tomado como premissa produtora de regimes de verdade sobre a inferioridade das populações negras e colonizadas. A premissa da racionalidade humana, enquanto qualidade restrita a alguns, incentiva a estruturação das percepções sociais sobre os indivíduos, sustentando hierarquias e procedimentos de dominação. Diante de uma sistematização de uma estruturação sincrônica dos lotes de subalternidade estabelecidos sobre homens e mulheres de cor, compreende-se que a humanidade, e ao mesmo tempo, a falta dela, ratifica e premia a estruturação colonialista da realidade sócio-histórica racializada.

Ainda comentando questões metodológicas, duas referências destacam-se na sua importância. A primeira é Walter Benjamin¹¹, tanto para compreender a posição do autor enquanto observador da cena social, produzindo imagens sobre a realidade observada nos contrastes com o que vive. Portanto, o autor Itamar Vieira Júnior, sua formação e suas aproximações com o cenário rural e no contexto e período histórico em que está situado é uma parte essencial das análises. Também o exercício de uma leitura a contrapelo da narrativa é um aprendizado deixado pelos textos de Benjamin. Trata-se de uma leitura do romance em que a narrativa é lida a partir de questionamentos às imagens que o livro apresenta.

Autores da crítica literária também colaboram no exercício de perceber na literatura a construção de estereótipos, imagens congeladas sobre determinados sujeitos e contextos sociais e históricos. Diante disso, autores como Homi Bhabha¹² podem ser particularmente importantes para algumas das interpretações aqui

¹⁰ NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016. P. 167.

¹¹ BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**; tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1. Ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.

¹² BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

apresentadas, especialmente através do conceito de estereótipo. Noção que será apresentada mais a frente.

Por último, é importante considerar que se trata uma análise predominantemente bibliográfica, de abordagem qualitativa, recorrendo a análise do discurso e a crítica literária como ferramentas de análise do romance *Torto Arado*.

3 O ROMANCE E SUAS PROPOSIÇÕES: O AUTOR

Torto Arado foi publicado em 2019 e, em 2020, ganha os prêmios Oceanos e Jabuti de Romance Literário. Em 2021, ganhou o prêmio Faz a Diferença. Desde então, o livro tem sido amplamente divulgado em diversos círculos e entrou na fila de leitura de muitos brasileiros e brasileiras. A divulgação e a ampla circulação do romance ratificam a ideia de que se trata uma narrativa com ampla circulação no país.

Também deve-se considerar que se trata de um romance que constrói articulação com questões muito profundas da História do negro no Brasil: O abandono após o fim da escravidão, as relações paternalistas e patriarcais, a migração, a falta da posse da terra, entre outros. Aborda também outros tantos marcos: As construções coletivas/comunitárias, as relações de afeto, a religiosidade, a ancestralidade.

A partir disso, interessa ao tópico discutir o que faz de *Torto Arado* um livro tão especial e inovador no período? Como em um contexto histórico de reação conservadora e demonstrações frequentes de racismo, um livro que atribui protagonismo às populações negro brasileiras encontra tanto espaço no duro mercado editorial brasileiro? A resposta para essa pergunta, apesar de complexa e multidimensional, pode encontrar alguns frutos quando analisamos alguns elementos sobre o autor e o período histórico em que o livro foi escrito.

Isso porque os debates nas ciências humanas sobre os protagonismos para a população negra têm tomado muito corpo nos últimos anos. Itamar é de uma geração que assistiu à implementação das políticas de cotas nas universidades públicas e vivenciou a transição dos interesses de temática das ciências humanas para questões voltadas para o debate racial no Brasil e as desigualdades promovidas por critérios identitários.

Itamar Vieira Junior é negro, baiano, formado em Geografia e Doutor em Estudos Étnico e Africanos. No doutorado, desenvolveu pesquisa relacionadas a

comunidades quilombolas, além de atuar como servidor público no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). A formação intelectual e atuação profissional de Itamar justificam a arcabouço de detalhes sobre a vida rural do Brasil que o livro consegue apresentar.

Narrativas como *Torto Arado* são, portanto, resultados das transições provocadas nos últimos anos por uma maior incorporação de pessoas negras na universidade. A ampliação do número de estudantes e servidores nas universidades públicas, como resultado das políticas afirmativas, abriu espaço para ampliar os horizontes de pesquisa, principalmente nas Ciências Humanas. Na história, por exemplo, reconhecer protagonismo às populações negras nos seus embates durante as últimas décadas da escravidão e mesmo após a abolição, é um movimento que tem se tornado cada vez mais forte na historiografia.

A partir disso, cabe discutir o texto a partir das suas contribuições na construção de uma memória sobre as populações negro brasileiras. Como essa memória questiona as imagens compartilhadas até então? Quais referências históricas que podem ser notadas a partir da leitura do romance? Quais as imagens que podem ser compartilhadas a partir do texto?

4 A ESCRAVIDÃO COMO ALICERCE

Ao dar protagonismo às populações negras rurais, seus costumes, sua religiosidade e suas trajetórias, o autor promove uma movimentação política significativa. O efeito disso, especialmente considerando o quanto o livro foi premiado, é a divulgação de uma lógica cultural que até então pouco conhecida para determinados segmentos sociais. Além disso, permite também que práticas religiosas e de cura sejam visualizadas sob outro olhar que não o do estigma sobre a “magia”, entre outras coisas.

Diante desse movimento, o autor retoma uma importante referência histórica que colabora na explicação tanto das privações morais quanto materiais sobre as quais as populações negras rurais tendem a estar submetidas. A trajetória de ocupação da terra, da formação de comunidades inteiras é exemplificada na comunidade de Água Negra e outras tantas comunidades que o autor cita ao longo do romance. Exemplos fictícios de formação comunitária que remetem a exemplos

históricos da população negra no Brasil. Não nos esqueçamos que o autor é um pesquisador das comunidades quilombolas brasileiras.

Meu povo seguiu rumando de um canto para outro, procurando trabalho. Buscando terra e morada. Um lugar onde pudesse plantar e colher. Onde tivesse uma tapera para chamar de casa. Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então, foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores. Não poderiam arriscar, fingindo que nada mudou, porque os homens da lei poderiam criar caso. Passaram a lembrar para seus trabalhadores como eram bons, porque davam abrigo aos pretos sem casa, que andavam de terra em terra procurando onde morar. Como eram bons, porque não havia mais chicote para castigar o povo. Como eram bons, por permitirem que plantassem seu próprio arroz e feijão, o quiabo e a abóbora.¹³

A descrição ofertada na citação é narrada no livro por uma encantada. Por uma figura sobrenatural que não tem os limites de corpos humanos, portanto, poderia visualizar todas essas mudanças por décadas a fio. A encantada apresenta associações históricas de permanência escravista para a vida das comunidades negras rurais que também podem ser visualizadas nas narrativas historiográficas sobre a escravidão e o imediato pós-abolição¹⁴.

Ao associar as comunidades negras rurais às gerações de escravizados e libertos, as subalternidades materiais que esses grupos se encontram submetidos até a contemporaneidade ganha novas explicações históricas. Mais que isso, para além da falta da posse da terra, da violência e dos limites de produção material da existência, por conta das questões climáticas e dos parques e limitados recursos de trabalho, há também uma imagem/estigma sobre essas populações.

A migração desponta enquanto alternativa para esses grupos, pois enquanto pretos e “da roça”, uma série de estereótipos incidem sobre esses corpos, negando a eles quaisquer possibilidades profissionais e de existência que não a enxada, a roça, a fome, entre outros. Estereótipos que se estendem para além da privação material. Na definição de Homi Bhabha¹⁵, o problema do estereótipo, não é oferecer uma

¹³ VIEIRA JÚNIOR, **Op. Cit.** p. 204.

¹⁴ Sobre isso, ver: FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da Liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870 - 1910)**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006; NASCIMENTO, Flaviane Ribeiro. **Viver por si: histórias de liberdade no agreste baiano oitocentista**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal da Bahia(UFBA). Salvador, 2012; SILVA, D. L. S. **“As senzalas da cidade”:** **relações raciais entre negros roceiros (Bahia, 1940 – 1960)**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Feira de Santana, 2021.

¹⁵ BHABHA, **Op. Cit.**

descrição falsa, mas impedir o sujeito de transitar das representações que são colocadas sobre si.

As permanências escravistas, ao reforçar suas representações por décadas após a abolição, congelam os sujeitos das comunidades negras rurais em uma condição eterna inferioridade. Condição que legitima a negação da posse da terra, a expropriação dos frutos do trabalho, a possibilidade de sair e criar condições justas e adequadas de existência ou mesmo de questionar aquela lógica de vida e negação de direitos.

Trata-se de conceber que o estereótipo enquadra às populações negras rurais sob uma condição distinta da proposta pelo humanismo. Atribuições de dignidade, cidadania, autonomia ou liberdade não poderiam ser atribuídas para aqueles grupos, pois a imagem/percepção social que circula sobre aqueles grupos está alimentada por uma memória que os associa continuamente a subordinação histórica a qual estão submetidos há décadas.

5 A NEGAÇÃO DE DIREITOS

Os enfrentamentos e resistências também foram citados ao longo do romance, o que oportuniza debater especificamente as associações entre a vida dos membros de comunidades negras rurais e a negação de direitos. Uma primeira citação narra esse contexto de mobilização, nela um dos membros mais jovem da comunidade se esforça para mobilizar seus companheiros para construir uma associação, o que permitiria um enfrentamento mais efetivo contra o fazendeiro.

[...] Severo levantou a voz contra as determinações com que não concordávamos. Virou um desafeto declarado do fazendeiro. Fez discursos sobre os direitos que tínhamos. Que nossos antepassados migraram para as terras da Água Negra porque só restou aquela peregrinação permanente a muitos negros depois da abolição. Que havíamos trabalhado para os antigos fazendeiros sem nunca termos recebido nada, sem direito a uma casa decente, que não fosse de barro, que precisasse ser refeita a cada chuva. **A cada movimento de Severo e dos irmãos contra as exigências impostas pelo proprietário, as tiranias surgiam com mais força.**¹⁶

¹⁶ VIEIRA JÚNIOR, *Op. Cit.* p. 197. Grifo meu.

As reações e ações violentas por parte dos proprietários de terras às “ousadias” de lavradores e rendeiros ao longo do século XX já foram visualizadas no interior rural da Bahia¹⁷. O uso da força como ferramenta de coerção é uma velha conhecida de tempos escravistas, ferramenta para manutenção das hierarquias e desigualdades sociais que corroboravam na negação de direitos às populações rurais, entre elas, a moradia.

As casas de barro, por exemplo, construções coletivas de caráter provisório era uma exigência dos fazendeiros do romance. Casas de tijolos eram proibidas para evitar quaisquer relação de fixação e posse da terra, garantindo a condição de apenas rendeiros, agregados, temporários, vulneráveis as vontades dos donos da terra.

Destaque aqui também para a noção de ancestralidade mobilizada no texto. As aproximações com o cenário escravista funcionam para além da negação aos direitos humanos, mas também na memória de resistência compartilhada. Noção que o autor mobiliza em diferentes momentos do romance e que explica parte das relações construídas entre roceiros pretos e o dono da terra e também entre si mesmos. As oposições ao dono da terra, por exemplo, não são consenso na comunidade, mesmo diante das condições em que viviam.

Além do direito da moradia, a subalternização material afeta outras dimensões. O acesso a alimentação, a um cenário sanitário adequado, a saúde e mesmo a uma educação que oportunizasse a continuidade e oportunidades profissionais distintas da vida na roça são direitos repetidamente negados à comunidade de Água Negra. Ainda assim, o posicionamento de alguns dos membros daquela comunidade, no romance, é de alinhamento com os interesses do proprietário da terra. Conta o autor:

No começo, o dono quis nos dividir, dizendo que aquele “bando de vagabundos” queria a fazenda dele, comprada com o seu trabalho. [...] Outros não viam com bons olhos o movimento e se opuseram abertamente a meu primo [líder do movimento], divergindo, entrando no jogo do novo fazendeiro para fazer minar nossas forças. Guiavam seus animais na calada da noite para destruir nossas roças na vazante. Derrubavam cercas, e meses de trabalho viraram pasto na boca do gado.¹⁸

Havia quem entendesse que a mobilização era uma ingratidão ao fazendeiro que os aceitou e aos seus antepassados na sua terra. Havia quem se colocasse ao

¹⁷ SILVA, D. L. S. “**As senzalas da cidade**”: relações raciais entre negros roceiros (Bahia, 1940 – 1960). Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Feira de Santana, 2021

¹⁸ VIEIRA JÚNIOR, **Op. Cit.** p. 197.

seu lado por outras tantas razões. O importante a ser considerado a partir da narrativa, é a heterogeneidade de posicionamentos no interior daquela comunidade, o que reforça a noção de protagonismo histórico, interesses diferentes – vez em quando conflitantes –, descrição que colabora com a construção de representações sobre a população negra apartada dos estereótipos que sintetizam, congelam e limitam esses sujeitos a uma subalternidade eterna, ahistórica e naturalizada.

O romance retoma a memória da ancestralidade, as heranças escravistas. Narrativa que, na circulação contemporânea, oportuniza que as explicações históricas sobre a subordinação material da população negra tenham uma maior circulação e sejam compartilhadas por um público mais amplo. Além disso, oportuniza também que novas imagens e representações sobre as populações negras rurais sejam construídas, o que contribui para a desconstrução dos estereótipos e estigmas sobre os grupos negros rurais.

Parte dos debates de autores que, nos últimos anos, tem se tornado leituras mais presentes no cenário acadêmico brasileiro estão associados aos estudos pós-coloniais. A mesma explicação que serve para que compreendamos uma narrativa tão particular sobre a cultura negra brasileira ser tão premiada nos últimos anos é a que permite que compreendamos a emergência e consolidação desses autores no Brasil: a política de cotas e a integração cada vez maior de pessoas negras ao universo acadêmico brasileiro.

A autora bell hooks, no livro “Olhares negros: raça e representação”¹⁹ comenta uma série de efeitos sociais das imagens e representações que circulam socialmente e sobre como elas influenciam uma série de práticas e comportamentos. A noção de que as construções sobre os corpos negros reverberam sobre a realidade social e histórica desses sujeitos nas suas condutas e comportamentos é reforçada pela autora. Tal argumento colabora para que entendamos a importância da circulação das imagens que o livro *Torto Arado* oferece. Afinal, a circulação de imagens negras associadas ao protagonismo, a luta, a ambição, a articulação coletiva, a ancestralidade mobilizam uma memória positivada sobre todas as características negro brasileiras outrora lidas apenas sob o signo da inferioridade, da desumanidade.

A noção de estereótipo de Homi Bhabha²⁰ problematiza o congelamento da imagem. Não se trata, necessariamente, de uma representação falaciosa, mas da

¹⁹ HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

²⁰ BHABHA, **Op. Cit**

limitação dos sujeitos apenas à condição que a imagem reforça. Diante disso, as apresentações de Itamar Vieira Júnior corroboram na construção de uma memória sobre as comunidades negras rurais que participam do processo histórico, que tem protagonismo, que tem sua trajetória marcada escravidão, mas não se limitam a isso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parto da hipótese que o livro oferece protagonismos às populações negras, em perspectivas narrativas até então pouco conhecidas. A partir disso, o livro desponta enquanto rico material para reflexão e discussão sobre a História da população negra no Brasil e os processos de subordinação aos quais foram submetidos. A partir disso, a pesquisa procura colaborar nas reflexões das relações entre História e Literatura e, principalmente, da negação histórica de condições de humanidade para as populações negras rurais do Brasil.

Mais importante ainda é chamar a atenção para como as transições proporcionadas pelas políticas afirmativas no Brasil influenciaram significativamente para que novas construções sobre as populações negras sejam consolidadas. A narrativa que o romance oferece colabora para que novas perspectivas sobre a população negra possam surgir e, a partir disso, posicionamentos políticos mais empáticos, políticas públicas mais efetivas e movimentos identitários de respeito e valorização dessa cultura possam estar cada vez mais presentes no cenário social do país.

No livro, foi possível observar uma contextualização histórica das vivências das populações negras rurais no Brasil, especialmente no tocante a negação de direitos humanos. Além disso, foi possível também visualizar a colaboração para a construção de uma concepção de sujeitos ativos e protagonistas das suas experiências históricas nas disputas e significações da sua realidade.

Diante do exposto, é possível concluir que a emergência e, principalmente, o sucesso de narrativas como a de Torto Arado sinalizam para um cenário otimista no tocante ao crescimento de debates sobre racismo e racialização no Brasil. Evidente que, ainda assim, não se fala aqui sobre o fim do racismo ou coisa que o valha, mas aponta-se para as evidências de resultados das lutas por políticas afirmativas construídas nas últimas décadas. Importantes razões para continuar.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**; tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1. Ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2005.

GUSMÃO, Neusa M. M. de. **Terra de pretos, terra de mulheres: terra, mulher e raça num bairro rural negro**. Brasília: Ministério da Cultura, Fundação Cultural Palmares, 1996.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.

SILVA, D. L. S. **“As senzalas da cidade”**: relações raciais entre negros roceiros (Bahia, 1940 – 1960). Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Feira de Santana, 2021

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.